



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
13 de dezembro 2025

YOYO / 1965
Yo-Yo

Um filme de PIERRE ÉTAIX

Realização: Pierre Étaix *Argumento e Diálogos:* Pierre Étaix, Jean-Claude Carrière *Fotografia:* Jean Boffety *Montagem:* Henri Lanoë *Música:* Jean Paillaud *Decoração:* Raymond Gabutti, Raymond Tournon *Guarda-roupa:* Jacqueline Guyot *Interpretação:* Pierre Étaix (YoYo, o milionário), Claudine Auger (Isolina), Luce Klein (a amazona), Philippe Dionnet (Yoyo criança), Pipo (um palhaço), Dario (outro palhaço), Mimile (um terceiro palhaço), Martine de Breteuil (Madame de Briac), Roger Trapp, Jean-Pierre Moncorbier, Gabrielle Doulcet, Fernand Guiot, Luc Delhumeau, Nono Zammit, Philippe Castelli, Armande Andrieux, Mary Petrov, Amédée, Arthur Allan, Marcellys, Jocelynw Loiseau.

Produção: C.A.P.A.C. (França, 1965) *Produtor:* Paul Claudon *Estreia Mundial:* 19 de Fevereiro de 1965, em França *Estreia Mundial da versão restaurada:* 7 de Julho de 2010, em França *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto-e-branco, versão legendada em português, 95 minutos *Prémios:* Grande Prémio da Juventude do Festival Internacional de Cinema de Cannes, 1965; Grande Prémio OCIC do Festival Internacional de Cinema de Veneza, 1965 *Estreia comercial em Portugal:* 19 de Abril de 1966, no cinema Monumental *Primeira exibição na Cinemateca:* 15 de Outubro de 2010 ("Festa do Cinema Francês: Pierre Étaix" / exibido com RUPTURE).



Pierre Étaix construiu a sua obra de realizador-actor nos anos 1960, década que grosso modo baliza os filmes realizados entre 1961, data da primeira curta-metragem, *RUPTURE* (co-assinada com Jean-Claude Carrière, tal como *HEUREUX ANNIVERSAIRE*, do mesmo ano, Óscar de melhor curta de 1963), e 1971, o ano de *PAYS DE COCAGNE*. Trabalhou-a em modo delirantemente melancólico, *burlesco*, o termo que melhor a caracteriza. E fê-lo no espírito de um cinema contemporâneo da Nouvelle Vague mas que sobretudo guarda o rasto do *slapstick*, após uma colaboração estreita com Jacques Tati, como desenhador e criador de *gags* para *MON ONCLE*. Tudo isto a par de uma carreira em palco e de um percurso como actor de cinema onde, além do protagonismo dos seus próprios filmes, foi dirigido por Tati (*MON ONCLE*, 1958), Bresson (*PICKPOCKET*, 1959), Claude de Givray (*TIRE AU FLANC*, 1951; *UNE GROSSE TÊTE*, 1962), Louis Malle (*LE VOLEUR*, 1966), Jerry Lewis (no

inacabado *THE DAY THE CLOWN CRIED*, de 1972), Nagisa Oshima (*MAX MON AMOUR*, 1985) ou Otar Iosseliani (*JARDINS D'AUTOMNE*, 2006; *CHANTRAPAS*, 2010) e Aki Kaurismäki (*LE HAVRE*, 2010).

YOYO inscreve-se na tradição *clownesca*, com uma primeira parte em que sobressai a particularidade de dispensar os diálogos falados, adoptando os intertítulos para trazer o texto para dentro de um filme que vive da respiração do cinema mudo e da vibração de um trabalho particular na banda sonora – os ruídos, a música – ampliando determinadas situações para causar determinado tipo de efeitos. É uma constante do cinema de Étaix, e a sua maior afinidade com o universo de Jacques Tati, ainda que, é importante sublinhá-lo, o território de autor de Étaix exista e seja original. Quanto a Étaix presença diante das câmaras, ela é devedora de uma longa tradição dos heróis do burlesco. Em *RUPTURE*, a primeira vez, é transparente a ascendência de Buster Keaton. YOYO é um filme mais elaborado, não apenas porque a sua produção envolve meios relativamente complexos – a rodagem num castelo, as cenas de estrada, as cenas com um elefante – mas também, sobretudo, pela simplicidade estilizada da sua encenação, no interior dos planos e no jogo de rimas entre as bandas de imagem e som.

Trata-se, à partida, de um projecto em que Étaix pensa desde *LE SOUPIRANT*. Trata-se, também, de um filme que lida com um “tema” particularmente caro e familiar ao realizador-actor, um dos seus domínios de trabalho e de vida: o circo. Curiosamente não há números de circo no filme – quase não há, e os que há são de ensaios ou de uma actuação para um só espectador, o plano em que o milionário (Étaix) reencontra a amada (a amazona), que nesse momento já conhecemos através da fotografia exibida na escrivaninha do seu castelo. Para Étaix a autenticidade de um número numa pista de circo não acontece senão em directo, perde-se no intermédio da câmara. Como diz numa entrevista de 2010 à *Positif*, no cinema pode viver-se um momento semelhante, mas de natureza diferente. A tese tem que se lhe diga: “Se Harold Lloyd faz um número acrobático, suspenso na janela de um edifício, o que faz baseia-se nas disciplinas do circo: consegue criar simultaneamente uma acrobacia e uma sensação de perigo. Tudo isto vem do circo. Filmar um número na pista destruiria a sensação de perigo. Para reencontrar a mesma ordem de emoção, é preciso tirar o número da pista e reinventá-lo como fez Lloyd.”

Em YOYO, “filme de circo”, não há de facto grandes números, ainda que o terceiro protagonista, Yoyo (Étaix, filho do milionário e da amazona), seja um palhaço. Da primeira das vezes que entra no castelo do pai, que virá a ser seu em adulto, é o elefante circense que o vem buscar e o leva de volta ao seu território, o circo. No final, muitas peripécias volvidas, depois da fama e da perda do sentido das coisas (quando Yoyo se celebra na televisão, habita o grande castelo e um escritório cheio de assistentes onde as reuniões e os telefonemas o põem no lugar sem graça da gestão burocrática do sucesso), é de novo o elefante a vir resgatá-lo. A sequência final volta a recolocar as coisas no lugar, permitindo um “final feliz”, com Yoyo em cima do elefante a atravessar o lago que o separa dos convivas sociais que deixa para trás no castelo. Entretanto, o filme decorre na atmosfera saltimbanca (a vida no circo, a vida de estrada dos anos seguintes à Grande Depressão) que sucede ao ambiente de profundo tédio em que a personagem do milionário, pai de Yoyo, é apresentada no início (sozinho a habitar no enorme castelo que torna os sons em ecos). YOYO trata de muitas coisas, do circo, do tédio, da solidão, das dificuldades, do desajuste das coisas. E do cinema e da sua história. É o filme que incorpora o cinema mudo, o sonoro e a chegada da televisão, os momentos de passagem das várias épocas. De como das íris (do mudo) chegamos aos pequenos ecrãs (da televisão), a era em que Yoyo se perde antes de ser salvo pelo elefante da infância.

Particularmente inventivo, definitivamente original, YOYO começa como um filme mudo sonorizado com o requinte de Étaix, pela mímica e a gestualidade da personagem e pelo olhar visual e sonoro que os planos devolvem. Depois, nesse momento surpreendentemente, somos avisados que “e chegou o cinema sonoro” e o filme passa a ser falado. O ritmo adequa-se, sem perder o burlesco nem a melancolia. Não há plano que não reivindique a atenção para as várias camadas de sentido, encenação, plasticidade. Como se espera de um grande filme.